



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## Eduardo Lourenço, crítico literário

Annabela Rita

Para citar este documento / To cite this document:

Annabela Rita, "Eduardo Lourenço, crítico literário", *Colóquio/Letras*, n.º 170, Jan. 2009, p. 95-103.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

# Eduardo Lourenço, crítico literário

ANNABELA RITA

Cada leitor há-de descobri-lo por si. Quanto a mim, deixo-me guiar pela mão de Bernardo Soares para interromper (provisoriamente) esta conversa, decidido como ele «a não escrever mais, a não pensar mais, para deixar que a Febre de dizer me adormeça e para poder, de olhos fechados, acariciar, como um gato, tudo aquilo que teria podido dizer».

EDUARDO LOURENÇO<sup>1</sup>

COM ESTA AFIRMAÇÃO a propósito do *Livro do Desassossego*, Eduardo Lourenço coloca-se no *ponto focal* de um cone perspéctico que é imagem invertida de outro em cujo *ponto de fuga* concebe Fernando Pessoa, tomado como representante da Literatura e, até, da Cultura Ocidental: ambos *Anjos*, confrontando-se através da palavra, *ambiguizada* pela dimensão estética que mescla *ensaio e literatura*, signo a um tempo especular e transparente, vital e letal. Identidade vertida em primeira pessoa do plural, *nós*, enunciada por um e assumida citacionalmente por outro que não a rejeita:

«Esta 'teologia poética em imagens' está exposta, e faz também parte integrante, das páginas talvez mais surpreendentes do *Livro do Desassossego*. É para o acto de escrever que converge a luz indecisa do espaço crepuscular que descrevemos através da metáfora do limbo. É no mundo da coisa escrita e por escrever que ganha sentido e dimensão autêntica o drama cinzento da mera vida, concebida por Bernardo Soares como desprovida de um qualquer sentido, não apenas aceitável, mas concebível. Na sua essência, a vida é realmente morte, não em sentido figurado ou poético, mas literal. 'Somos morte. Aquilo que supomos vida é a parte de cima da vida real, a morte do que somos verdadeiramente. [...] Tudo o

que nas nossas actividades consideramos superior, tudo isso tem que ver com a morte... O que é a arte, senão a negação da vida?» (LA, p. 100.)

Simetria e assimetria promovem a *identidade* e remetem-na para o lugar mais mítico e atópico: o *lugar* do *Anjo*. *Lugar* do ensaísta, do escritor e de toda a Cultura Ocidental. No título de uma obra, como na contemporaneidade de uma sociedade. Liricamente esquecidos do leitor no texto «enquanto lugar de um jogo sem público virtual, lugar de solidão pura e de vertigem, [...] [de] celebração [...] da pura escrita» (LA, p. 97). Irmanados:

«o *Livro do Desassossego* é um manual para os mutantes do nosso crepúsculo cultural de Ocidentais, antigos escribas da própria aventura como aventura divina.» (LA, p. 104.)

«A escrita como *des-existência* é o assunto único da prosa de Pessoa e é como anunciador — em linguagem transparente — dessa evidência que o *Livro do Desassossego* se tornou, onde quer que seja lido, a pura poética de um silêncio que, hoje em dia, coexiste com todas as manifestações escritas.» (LA, p. 105.)

«Foi preciso um século para nos tornarmos seus colegas de escritório.» (LA, p. 109.)

Especularmente *sobreimpressos*. Eles e nós, eles em nós, nós neles.

Perscrutemos esse signo, esse *lugar* e o movimento que o institui e o informa, considerado por Mircea Eliade como «territorializador», distinguindo, delimitando, organizando e, até, nomeando. Signo escorrendo de totémica pena...

O título desta comunicação elege uma componente da obra de Eduardo Lourenço (a crítica literária) num enunciado que parece elidir o verbo (Eduardo Lourenço [é] crítico literário), mesmo que ele não exclua o reconhecimento de outras hipóteses identitárias ou estatutárias em Eduardo Lourenço.

Ora, confesso a provocação e a falsa pista: por um lado, Eduardo Lourenço tem um olhar abrangente e compreensivo relativamente à Literatura, integrando-a e relacionando-a com a Cultura encarada no sentido mais expansivo e expandido, contemplando em si a diversidade de saberes, quer os pertinentes para o objecto a conhecer, quer os mais estratégicos para a reflexão desenvolvida; por outro lado, Eduardo Lourenço relaciona autores, textos, ideias, conceitos e questões num movimento eminentemente *ensaístico*, de retomadas, aproximações, evocações e alternativas, *experimental*, enfim, em suma: criativo, *esteticizado*, tanto como intelectualizado.

Miguel Real, em *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa* (2008)<sup>2</sup>, considera que o exercício desse olhar de Eduardo Lourenço é «o seu método de interpretação cultural», uma «hermenêutica» com diferentes «instâncias»,

conducente a uma «síntese total e totalizante da cultura de um tempo», ou seja, vinculando sempre a Literatura à Cultura e esclarecendo-a nessa radicação. «Processo [...] mais espontâneo e intuitivo do que premeditado» (ELCP, pp. 106 e 107).

Esse olhar de Eduardo Lourenço acaba por arrastar consequências em cadeia: primeiro, uma imagem do literário e do cultural fundidos num conceito que vectorializa a trajectória de ambos; em segundo lugar, a selecção e a eleição de «pontos luminosos» nesse itinerário, autores ou textos que melhor exprimem esse sentido íntimo do literário e do cultural e, dentre eles, o que mais exemplarmente o represente, explicitando-o no e do seu ómega; por fim, o lugar do *ensaísta*, em frente e de frente para este último (escritor), seu *duplo* reflexivo.

Observemos, por ordem, estas questões.

A primeira: Literatura e Cultura fundidas numa imagem que vectorializa a trajectória de ambas.

Circunscrevendo a sua reflexão à modernidade, Eduardo Lourenço destaca na Literatura Portuguesa uma linha de sentido obsessiva, íntima, estruturante: a de um *projecto identitário* que a relaciona reflexivamente com a nação. E afirma no seu incontornável e inestimável *O Labirinto da Saudade* (1978):

O que desde Garrett [...] estrutura [«quase *toda a grande literatura portuguesa do século XIX*»] no seu âmago, é o projecto novo de *problematizar a relação do escritor, ou mais genericamente, de cada consciência individual, com a realidade específica e autónoma que é a Pátria*. E como o laço próprio que une o escritor, enquanto tal, à sua Pátria é a *escrita*, a problematização dessas relações é antes de tudo problematização da *escrita*, nova ou inovadora maneira de falar a Pátria escrevendo-a em termos específicos, como o autor das *Viagens* o fará com sucesso raro. A partir de Garrett e Herculano, *Portugal*, enquanto realidade histórico-moral, constituirá o núcleo da pulsão literária determinante.<sup>3</sup>

Continuando:

[...] desejamos insinuar que a nossa história literária dos últimos cento e cinquenta anos (e se calhar todas as nossas outras «histórias»...) poderão receber desta ideia simples, a saber, que foi orientada ou subdeterminada consciente ou inconscientemente pela preocupação obsessiva de descobrir *quem somos e o que somos como portugueses*, uma arrumação tão legítima como a que consiste em organizá-la como caso particular (e em geral pouco relevante) da Literatura Ocidental.<sup>4</sup>

A atitude entusiasta e renovadora, reformista, prometeica, da primeira Geração Romântica, que toma o facho à anterioridade luminosa mais simboli-

camente representada por Camões<sup>5</sup>, transmite-se à Geração de 70, declinando progressivamente no decadentismo vencidista e finissecular:

Nas famigeradas *Conferências do Casino* e no que delas se seguirá, não é apenas a mera realidade *histórico-política* de Portugal que vai ser questionada ou quem questiona os actores das Conferências: *é a totalidade do seu ser histórico-cultural*. [...] Nunca uma geração portuguesa se sentira tão infeliz — tão funda, sincera e equivocadamente infeliz — por descobrir que pertencia a um povo *decadente*, marginalizado ou automarginalizado na História [...].<sup>6</sup>

No ocaso a que assistimos e que vivemos, a irrealidade e a morte dominam a vida, as consciências e a escrita:

[...] em 1957, Eduardo Lourenço conclui que, face à «irrealização progressiva da condição intelectual do homem do Ocidente», isto é, face à quase total separação entre o homem e a realidade genuína (o ser ontológico), mediatizada esta por via [...] [da] abstracção racional, a poesia perdeu as suas originárias preocupações esfingicas de iluminação intuitiva da realidade para se tornar contemporaneamente num «anti-discurso absoluto» [...]. Hoje, que se perdeu «a fome da água viva», «o absolutamente real», que, como luz e sombra, inspirava os poetas, a poesia «está-se tornando num espelho de gelo sobre o qual bóiam inúmeros cadáveres de palavras cintilantes». O irrealismo é a actual condição da poesia, é a «poesia pura», «tão ardentemente cultivada desde os românticos alemães». Porém, se, com o romantismo, o irrealismo poético fazia sentido comparativamente com a poesia discursivista do século XVIII, no século XX o irrealismo poético (isto é, a falta de iluminação divina e humana da poesia) caminha irreversivelmente «para o silêncio», ou, se se quiser, para essa outra forma de silêncio que é o «esoterismo», para os particularismos de linguagem que já não alcançam o homem, mas apenas se destinam a ser lidos e comentados por elites letradas.<sup>7</sup>

Irrealidade e absurdo resultam do excesso ou da carência de sentido: «De Pessoa, poder-se-á sempre dizer que, ou não existiu, ou existiu de forma superlativa.» (*LA*, p. 137.) Resta apenas, a Eduardo Lourenço, o comentário: «Será possível?» (*LA*, p. 60.)

Nesse quadro, agiganta-se, incontornável, Fernando Pessoa. O «ponto» mais «luminoso», «único ponto de extrema densidade» (*LA*, p. 103) ou cometa que se desintegra apoteoticamente no final de um rasto de luz traçado pelo seu movimento. Um, muitos ou nada. «Milagre», «glosa» e símbolo, a nível nacional, mas também a nível englobante: ocidental (*LA*, p. 61).

Assim, Eduardo Lourenço afirma de Fernando Pessoa:

«O milagre-Pessoa não foi o de converter em lugar-comum da nossa cultura a evidência sempre suspeitada de que cada um de nós é sempre feito de mais pedaços do que há em toda a jarra humana. O milagre digno de memória foi o de ter, paradoxalmente, *unido* o imaginário português, não apenas em volta de si próprio mas do que buscava, novo Ulisses no oceano da alma moderna inconformada com o seu tormento e fragmentação incuráveis.» (LA, p. 9.)

Ou diz «da poesia de Pessoa ele mesmo», que é «glosa perpétua desse espaço crepuscular entre consciência do mundo e sonho do mundo, que é também o de um simbolismo consciente de si mesmo» (LA, p. 99). Ou, ainda:

«A tomada de consciência da nossa situação como enigma é aquilo a que, na poesia de Pessoa, se chama mistério, origem da nossa intranquilidade ontológica, mas também desafio a enfrentar e, se possível, a vencer. Retomando os despojos de Fausto e sob o modo mais tradicional possível [...], Pessoa vai fazer face a esse mistério através de uma epopeia poético-metafísica de essência romântica, levada ao extremo de um discurso de aparência e de natureza filosóficas. As aporias da consciência filosófica características da segunda metade do século XIX e do início do século XX — conflito entre a consciência e a vida, a inteligência e a acção, a inteligência e o amor, o bem e o mal, a consciência e a inconsciência — tornar-se-ão para Fausto a aposta de um drama intelectual em que é o sentido da vida que está em jogo.» (LA, pp. 61-2.)

Eduardo Lourenço encara, assim, Fernando Pessoa como *ponto de chegada* de um itinerário poético, estético e mesmo cultural, seduzindo pela *estranheza*, mas também como potenciador de compreensibilidade, factor de entendimento do sentido da trajectória do pensamento e do imaginário ocidentais, favorecendo a identificação de *linhagens* estéticas, quer no âmbito nacional, quer no que o envolve, constelações expressivas de uma *caminhada*, de *uma viagem da escrita* conduzindo, afinal, o que poderia parecer movimento caótico «de alguém definitivamente perdido»<sup>8</sup>, embora *esplendoroso* (para evocar outro título do nosso ensaísta).

«É vão fingir que não sabemos que o ‘mito-Pessoa’, tanto em si como no seu estatuto poético de amplitude hoje universal, repousa essencialmente na encenação prodigiosa a que Pessoa submeteu o seu radical sentimento de *inexistência*. Refiro-me à comédia dos Heterónimos, que tanta tinta — e raramente boa — tem feito correr. O célebre ‘drama em gente’, a invenção dos *Pessoa-outros* destinados a cumprir pelo único que havia os sonhos de felicidade ou grandeza imaginárias que só de os pensar o destruíam, é o último acto do longo processo de dissolução do Eu inaugurado pelo Romantismo.

Dos ‘duplos’ demoníacos de Hoffmann a Dostoievski, dos pseudónimos de Kierkegaard às máscaras de Browning, até o ‘je est un autre’ de Rimbaud, é larga a lista dos que se viveram sem a salvadora crença que durante séculos nos inculcaram como feitos à imagem de Deus e, como ele, unos e virtualmente imortais. Mas também, de portas adentro, Pessoa foi o termo de um claro processo de ‘heteronimização’ que tem as suas raízes em Garrett e já quase uma configuração pessoana em Eça de Queirós (Fradique), sem esquecer, naturalmente, os ‘dois’ Anteros que, em silêncio, devoraram o verdadeiro. A criação de Fradique Mendes e, sobretudo, *o espírito do seu retrato*, como personagem de alma múltipla, capaz de esposar com igual paixão e indiferença religiões, metafísicas, costumes alheios, perfeito ‘dandy’ da verdade inacessível, anuncia e desenha já o espaço de um *heteronimismo cultural* de que Pessoa será, justamente, o mítico coroamento.» (FPRB, pp. 15-6.)

E, por isso, Eduardo Lourenço regressa obsessivamente a ele, renovando a abordagem, buscando-lhe novos ângulos, diversos ou concordantes, correspondendo ao *jogo* proposto por Pessoa<sup>9</sup>, jogo feito de «exercícios do olhar» (LA, p. 98). Esvaziado de centro semântico, de uma *verdade* interior e matricial, como a *letra* (Literatura, Cultura), nacional ou ocidental, é signo vazio desafiando a ousadia do preenchimento, a tentativa de atribuição de sentido<sup>10</sup>, a construção interpretativa, máscara anelante de rosto e irremediavelmente sem ele, trágico na sua *esfíngica apresentacionalidade*, vocacionado para a diversidade, a heterogeneidade, a poliédrica especularidade. «[F]icção silenciosa em busca de nome, à procura de todo o mundo e de ninguém» (LA, p. 103):

«Apesar da sua obsessão pela realidade misteriosa do tempo, a poesia de Pessoa deve a sua originalidade mais profunda e os seus sortilégios a uma paradoxal neutralização do Tempo. Nem o Tempo nem a Morte são objecto de verdadeira experiência. É do sentimento original da sua *irrealidade* que toda a poesia de Pessoa recebe o impulso. O poema nasce como manifestação, ao mesmo tempo sensível e intelectual, de uma ausência radical de sentido para o que nós chamamos comumente o Tempo e a Morte.» (LA, p. 111-2.)

«Tomemos Pessoa à letra como ele o desejava e como se deve fazer sempre, sem temor de o trair, pois nele atrás da letra há sempre outra letra, e é entre as duas ou para além delas que temos de navegar. ‘Em suma, quem sou eu quando não jogo?’» (LA, p. 127.)

Cada regresso a Pessoa constitui, pois, um momento de releitura em que Eduardo Lourenço *ensaia* novo *esboço retratista: Fernando Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente* (1973), *Tempo e Poesia* (1974), *Poesia*

e *Metafísica*. Camões, Antero, Pessoa (1983), Fernando, *Rei da Nossa Baviera* (1986), *O Lugar do Anjo* (2004), para não referir outros títulos, demonstram esse exercício de revisitação e confirmam Pessoa como autor privilegiado pelo olhar do ensaísta, figura pregnante na sua obra. E os *esboços* tendem a compor uma *exposição imaginária* de *hipóteses retratistas*, mais do que testemunhando um progresso reflexivo, dando conta de momentos, de encontros, de percepções, de *flashes* de feliz efemeridade onde cintila aquele *punctum* que Barthes entrevia em fotos de outrora<sup>11</sup>, no caso, *punctum* informado de intencionalidade autoral, de alteridade identitária, brilhante na sua codificação, *crystalizações* (tomando de empréstimo a palavra a Cesário):

«Custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa que ele mesmo. Pela simples razão de que foi Pessoa quem descobriu o modo de falar de si tomando-se sempre por um outro. E como os deuses lhe concederam um olhar imparcial como a neve, o retrato que nos devolve do fundo do seu próprio espelho brilha no escuro como uma lâmina. Quando encarnada em figuras que parecem vivas — e ele supunha mais vivas do que ele — essa descoberta de si como outro, convertida em jogo da sua verdade, tornou-se Heteronímia. Talvez nada melhor do que essa palavra abstrusa de sua invenção, tornada hoje quase popular, indique a que ponto um dos mais estranhos espíritos do século xx se converteu num *mito*.» (FPRB, p. 9.)

*Crystalizações* sempre diversas do original e entre si, como Eduardo Lourenço reconhece epigraficamente no seu *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera* (2008), citando o *Livro do Desassossego*: «Só na água dos rios e dos lagos ele podia fitar seu rosto. E a postura, mesmo, que tinha de tomar era simbólica. Tinha de se curvar, de se baixar para cometer a ignomínia de se ver.» (FPRB, p. 9.) Como Narciso, Fernando Pessoa «curva-se», posição que o *outra*, mas ambígua: de «ignomínia», talvez, mas de homenagem, também, a si e aos seus.

Essa *exposição* dos *esboços* de Fernando Pessoa, para já não lhe mencionar o desdobramento heteronímico, tem para Eduardo Lourenço como único princípio ordenador a emoção da leitura, o prazer de *inteligir* ao sabor das circunstâncias. Uma *exposição* anelante de ser, por sua vez, assim visitada por nós. Em cumplicidade.

Tudo isso fará do *Livro do Desassossego*, para Eduardo Lourenço, sintoma de uma crise da Literatura e da Cultura Ocidentais: «é a armadilha absoluta, a visão da escrita como agonia da escrita. [...] Virado de certa forma sobre si, enquanto livro impossível, inacabado e inacabável, o *Livro do Desassossego* é o livro da conversa infinita.» «Este *Livro*, não tanto um livro como a cinza dos livros todos tornada luz» (LA, pp. 102 e 106).



Se a perspectiva positivista (dominante em muitos autores abordados por Eduardo Lourenço) já reconhece o *lugar de observação* como decisivo no plano interpretativo, analítico, afirmando isso, por exemplo, no *incipit* d'*As Farpas* (1871) com a interpelação ao leitor «Aproxima-te um pouco de nós, e vê», a contemporaneidade vai encarar esse lugar de observação como inexistente, ou de instituição consciente e deliberada, gerado na volição («gostava de me colocar num lugar imaginário de onde me fosse possível situá-lo e compreendê-lo», *LA*, p. 147), dissolvido na multiplicação perspectivica, duplicando e/ou equivalendo à heteronímia literária.

Já antes, Montaigne (1533-1592), referência decisiva na história do género *ensaio*, sublinhava neste a *tentativa* intelectual, por contraste com uma *atitude de tese*, a sua independência de um sistema e a sua dimensão estética, assim como a sua vinculação a uma figura autoral que nele se reflectia, *projectando-se* no discurso e informando-o, com isso, de *intimismo*. Como diz Jean-Yves Pouilloux:

Vraie ou fausse modestie, l'essai donne le livre qu'il nomme pour une tentative, sans prétentions de maîtrise ou de magistrature [...]. Le noble Montaigne trouvait dans ce titre quelque excuse pour un gentilhomme [...] se promener au jardin des Muses [...]. 'Je propose les fantaisies humaines et miennes, [...] non comme arrêtées et réglées par l'ordonnance céleste' (I, LVI), dit-il pour définir son entreprise, assez amoureux de la liberté pour revendiquer pour lui-même celle de changer d'opinion, fidèle au provisoire et à la diversité des humeurs et des pensées. [...] Seconde signification [...]: l'essai se donne comme une épreuve de soi à travers de ce qu'on écrit. [...] L'enregistrement obstiné des réflexions vagabondes [...] témoigne-t-il d'un exercice ininterrompu du questionnement, à travers lequel se lit la recherche d'un homme qui se donne à lire [...].<sup>12</sup>

Na modernidade, a *ensaística* torna-se, mais do que legítima no plano epistemológico, necessária, imperiosa, até, a única *atitude de conhecimento* fidedigna e verdadeira: ontologicamente inapreensível, o objecto impõe-se como apenas susceptível de aproximação cognoscente, restando ao sujeito contorná-lo com sucessivas observações, perspectivá-lo de diversos lugares, *ensaíar* o exercício de conhecimento, e, quando for o caso, aderir empaticamente a ele e fundir-se no movimento que pressente agitá-lo interiormente. Nessa adesão, alguns elevam-se na estesia e atingem uma dimensão estética inequívoca, conquistando-nos para essa relação *interdiscursiva*, espectadores e comungantes do ofício amoroso da leitura. É o que acontece com «Eduardo Lourenço — crítico literário» (para retomar a componente da sua obra destacada no título desta comunicação), cuja leitura mais assertiva de autores que a favorecem cede ao fascínio da estranheza de Fernando Pessoa, regressando

a ele obsessivamente, em textos, conferências e, mesmo, livros. Palavra respondendo a outra, ambas *sereias*, ambas encantatórias, ambas *vozes poéticas*.

Com Eduardo Lourenço, *o signo canta*, pois, ao espelho, labiríntico, multiplicado em composição ao ritmo da qual *ensaio* e *literatura* dançam enlaçados num voluptuoso e identitário abraço, aquele «deix[ando-se] guiar» (*LA*, p. 102) por esta, confundindo-se com ela: *ensaio literário*, *literatura ensaiada*, canto dúplice e reflexivo sistematicamente retomado em novas vocalizações...

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Eduardo Lourenço, *O Lugar do Anjo. Ensaio Pessoanos*, Lisboa, Gradiva, 2004, p. 102. Por comodidade, todas as citações retiradas desta obra terão a sua localização indicada imediatamente a seguir, no corpo do texto, e com as iniciais do título (*LA*).
- <sup>2</sup> Miguel Real, *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, QuidNovi, 2008. As referências das citações seguir-se-ão a elas no corpo do texto com as iniciais da obra (*ELCP*).
- <sup>3</sup> Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, D. Quixote, 1978, pp. 86-7.
- <sup>4</sup> Idem, *ibid.*, pp. 90-1.
- <sup>5</sup> Cf. Annabela Rita, *Eça de Queirós Cronista — do 'Distrito de Évora' (1867) às 'Farpas' (1871-72)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998, pp. 177-200. Mas também toda a mitologia nacional dominada pelo messianismo, sebastianismo ou V Império.
- <sup>6</sup> Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, ed. cit., p. 96.
- <sup>7</sup> Miguel Real, *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, ed. cit., p. 111.
- <sup>8</sup> Eduardo Lourenço, *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera*, Lisboa, Gradiva, 2008, p. 14. As próximas referências de citações mais longas serão integradas no corpo do texto com as iniciais *FPRB*.
- <sup>9</sup> Cf. *LA*, em especial, pp. 127-35.
- <sup>10</sup> Cf. *LA*, em especial, pp. 37-51.
- <sup>11</sup> Refiro-me à obra *A Câmara Clara* (1980), de Roland Barthes.
- <sup>12</sup> Jean-Yves Pouilloux, «Essai», in *Dictionnaire des Genres et des notions littéraires*, pref. de François Nourissier, Paris, Albin Michel, 1997, pp. 268-9.